

# Os Outros<sup>1</sup>

## The Others

Carolina Freitas<sup>2</sup>

**Resumo:** O título do trabalho fala por ele, “Os Outros”, entendemos que o início da uma vida mental ocorre no encontro com o outro. Essa é uma condição fundamental da vida, pois os seres humanos vivem em grupo e dependem dele. Um desses grupos e, talvez, o mais antigo na história seja a família. Assim, o intuito deste estudo é conhecer o quanto e de que forma a transmissão geracional, os vínculos familiares e os processos psíquicos resultantes desses encontros com nossos familiares e seus antepassados influenciam nossas escolhas. No caso em estudo, há um trauma recorrente na história familiar paterna do jovem que está em Atendimento Psicoterápico. Ele tem quatorze anos e desenvolveu alguns sintomas fóbicos, sendo este o motivo pelo qual procura tratamento.

**Abstract:** The title of this paper speaks for itself, “The Others”, based on the fact that the beginning of a mental life occurs when meeting other people. This is a fundamental condition of life because human beings live in groups and depend on them. One of these groups and maybe one of the most ancient in our history is the family. Therefore, the purpose of this study is to know how much and in which ways generational transmissions, family ties and psychological processes based on our relationship with our relatives and their ancestors are able to affect our choices. In this case study, there is a trauma due to the paternal family history of a young man, who is in psychotherapy care. He is fourteen years old and has developed some phobic symptoms, the reason why he looked for a treatment.

**Palavras-chave:** Transmissão geracional: o que é passado de uma geração a outra inconscientemente; Missão; Antepassados: familiares de gerações passadas, que já faleceram.

**Keywords:** Generational Transmission: what is passed down through the generations unconsciously; a mission.; Ancestors: past generations, relatives who have already passed away.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica de Crianças e Adolescentes, ano de 2004. Vencedor do Prêmio Interno de Melhor Monografia Científica, ano de 2004.

<sup>2</sup> Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica de Crianças e Adolescentes.

Trata-se de um estudo sobre um adolescente que acompanho há cerca de três anos. No segundo ano da formação, dediquei o trabalho para o entendimento dos processos de identificações primários e sua revivência na adolescência para a aquisição da identidade. Após a apresentação do mesmo, surgiram novas discussões teóricas sobre o tema e a sugestão de incluir os desenhos realizados durante o tratamento.

Dessa forma, tentaremos fazer uma viagem no tempo, incluindo os quinze anos da vida de J. e seus três anos de tratamento, durante o qual fizemos uma busca incessante pelas histórias de seus antepassados.

FRAIBERG e outros afirmam que “os fantasmas são a repetição do passado no presente” (1994, p. 13).

Entendemos que para sermos personagens de nossa história é inevitável que possamos escutar e conhecer as histórias das gerações anteriores. Porque, aceitando essa verdade ou não, os seus fantasmas nos perseguirão e ficaremos frente a frente com eles.

Assim, poderemos ser os contadores de nossa história com suas perdas e ganhos, as quais são os resultados de nossas escolhas e de nosso encontro com os outros.

“Soy yo, amor mío,  
quien golpea tu puerta  
no es el fantasma, no es  
el que antes se detuvo  
en tu ventana.  
Yo echo la puerta abajo:  
Yo entro en toda tu vida:  
Vengo a vivir en tu alma:  
Tu no puedes conmigo” (PABLO NERUDA).

Como encontramos nessa poesia, há muitas referências a fantasmas na literatura e na história, como a possibilidade dos mortos voltarem ao mundo dos vivos. Algumas religiões defendem a tese de que os espíritos maus ou que não terminaram sua tarefa na terra voltaram para assombrar, enquanto os bons vêm iluminar os caminhos dos vivos.

Há um consenso na opinião pública de que os fantasmas são uma criação dos vivos, uma invenção, a qual é criada para preencher um espaço ou um lugar ocupado por um ente querido.

Na história do paciente que acompanho, os pais de J. eram casados há três anos quando decidiram ter um filho. O casal era muito feliz, amigo e companheiro. Segundo a mãe, a única coisa que faltava era um filho. Dessa forma, no meio de muito amor e expectativa, nasceu J., um menino saudável e “a cara do pai”, segundo todos os familiares e ele próprio.

Os pais sentiam-se realizados e plenamente felizes. Porém, essa alegria não durou muito tempo.

Para KANCYPER (1999), a história do adolescente nasce antes do nascimento. Lógica e simbolicamente, precede ao nascimento propriamente dito.

Podemos pensar que essa ordem vem manter o equilíbrio narcisista, pois ele passa a representar o narcisismo primário do desejo do pai e da mãe.

Pra FREUD, o narcisismo primário seria o momento no qual a satisfação é total, ou seja, regido pelo princípio do prazer, sem condições de reconhecer o outro. Portanto, a libido afastada do mundo exterior é dirigida para o ego, e assim dá margem a uma atitude que chamamos de narcisismo primário. “Já se pensarmos em um narcisismo que surge através da indução de catexias objetais este será o secundário” (1914, p. 82).

Quando o mesmo autor em Introdução ao Narcisismo (1915) afirma que:

“Há uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal, quanto mais uma é empregada mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada do desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, onde o indivíduo parece desistir de si mesmo em favor a uma catexia objetal (p. 83).

Nesse momento de imensa satisfação que o casal vivia com a chegada de um filho, mais ou menos aos seis meses este perde seu pai em um acidente de carro, enquanto trabalhava. Sua mãe perde de forma brutal o grande e único amor de sua vida (sic).

A palavra trauma, originada do grego, quer dizer ferida. Traumatismo é um acontecimento na vida do sujeito que se define pela intensidade e capacidade que ele encontra para reagir de forma adequada. Quando ocorre um trauma, a intensidade de estímulos que passa a circular pelo psiquismo é tanta que o sujeito perde a capacidade de organização e tem sua integridade atingida (CONTE, 2004, p. 54). O acontecimento traumático aqui é a morte do pai de J.

Percebemos que é impossível não sermos afetados pelas histórias de nossos familiares e não encontrarmos vez que outra seus fantasmas, ou seja, o que se transmite são as heranças psíquicas que garantem a conservação da espécie, do grupo e a carga no sentido de superar as questões que ficaram em suspenso no inconsciente dos pais e ancestrais.

O bebê pode assim identificar-se com os desejos conscientes e inconscientes de cada um de seus pais a respeito dele e os seus próprios objetos de desejo. A introjeção seria o mecanismo que favorece a repetição de uma geração em outra de eleições amorosas, profissões ou *hobbies* e características de personalidade.

Em toda família, os momentos de nascimento e de morte são também menos privilegiados, pelos transtornos sociais e psíquicos que o acompanham.

De forma geral, todas as experiências novas, sejam próprias de uma pessoa, de uma família, de um povo, de uma nação ou de uma cultura obrigam os sujeitos e os grupos a um

novo trabalho de introjeção. Não ocorrendo um processo normal de introjeção, essas experiências se integram, mas não de uma forma harmoniosa na vida psíquica, e podem impor aos descendentes, às vezes por várias gerações, a necessidade de simbolizar aquilo que não foi pedido pelos seus antecedentes (TISSERON e Outros, 1997).

Após sete anos, a mãe de J. conhece outro homem, casa-se com ele e tem outro filho, chamado M. – constituindo, assim, uma nova família. Porém, até hoje usa o nome do antigo marido, ou seja, mãe e filho são os únicos dessa nova família que possuem o mesmo nome, representante do morto.

Há dois anos atrás, quando J. tinha quatorze anos, sua mãe o traz para tratamento. Suas queixas eram de dor pela morte do pai, ansiedade frente à separação, retraimento e dificuldade de se relacionar.

FREUD, em “Luto e Melancolia” faz uso de uma frase que virou célebre na literatura psicanalítica “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (1915, p. 254).

GREEN, em seu trabalho sobre “A mãe morta”, ilustra de forma brilhante as características de uma depressão materna, onde há a transformação de um objeto vivo, que era fonte da vitalidade, em uma figura distante, ou seja: “a mãe morta é uma mãe que se mantém viva, mas que, por assim dizer, está psiquicamente morta aos olhos da pequena criança, seu filho, em seu carinho e cuidado” (p. 148).

Com o andamento das sessões, percebe-se o grande e forte vínculo dessa mulher com o seu grande amor e, como resultado da perda, a transferência desse sentimento ao filho.

J. conta que ele e sua mãe fazem visitas anuais ao túmulo do pai e têm em sua casa vários objetos dele como, por exemplo, a bicicleta que usava para ir trabalhar, coleções de chaveiros e latas de refrigerantes, roupas, além de fotografias, etc.

Para J., a maior relíquia desse “museu” é a bicicleta porque, conforme conta a mãe, o pai passeava nela com ele, em volta da casa, quando chegava do trabalho, mesmo sendo ele um bebê. Conforme comenta sua mãe, após a morte do pai, o filho começava a chorar sempre no horário em que passeava com o pai.

Acreditamos que para uma trajetória pelo luto normal deve haver um processo de introjeção do objeto perdido. Assim, KLEIN refere a introjeção como sendo o momento em que o bebê leva suas experiências de vida e os objetos para dentro do self, passando a fazer parte de sua vida interna.

“O efeito da introjeção sobre as relações de objeto é igualmente importante. A introjeção do objeto bom tem em primeiro lugar o seio da mãe, é uma precondição para o desenvolvimento normal” (KLEIN, 1957, p. 28).

O objeto incorporado, exatamente no lugar do objeto perdido, lembrará sempre (em nome de sua existência e pela alusão de seu conteúdo) alguma outra coisa perdida: o desejo atingido por recalçamento. Monumento comemorativo, o objeto incorporado marca o lugar, a data, as circunstâncias em que tal desejo foi banido da introjeção: quantos túmulos na vida do ego. (ABRAHAM e TOROK, 1995, p. 223).

Se houvesse ocorrido nesse caso uma introjeção, nenhuma doença do luto ou melancolia deveriam ser temidas. A libido que teria investido o objeto acabaria por ser recuperada pelo ego, de acordo com a descrição freudiana, e ficaria assim a libido novamente disponível para se fixar em outros objetos.

Conhecem-se muitos casos de recusa do luto, de negação da perda, sem que para tanto eles provoquem uma incorporação. Vê-se que todas as perdas narcísicas, ainda que sejam subtraídas a introjeção, não tem a incorporação por destino fatal.

ABRAHAM e TOROK nos falam que a aparição do fantasma indicaria os efeitos sobre seu descendente daquilo que tivera, para o pai ou para a mãe, valor de ferida e até de catástrofe narcísica.

Para a família de J., a grande perda seria a do amor apaixonado, idealizado, o qual se confirma no nascimento do filho e se mantém até hoje no nome da mãe.

EIGUER (1995) propõe que os objetos transgeracionais exercem, às vezes, um poder de desinvestimento da vida comum, reação a um luto inacabado e provocador de uma fidelidade ao morto. O morto não pode morrer, se torna um fantasma, e a pessoa que não estiver aberta a outras relações e ligar-se a outros objetos fica saboreando o cadáver.

“O ego não conseguiria representar a não ser como um cadáver saboroso, que nele jaz em algum lugar e cujo vestígio não cessará de buscar na esperança de fazê-lo reviver um dia” (ABRAHAM e TOROK, 1995, p. 227).

Além disso, podemos pensar que essa família mantém-se ligada ao morto dando a impressão de uma dívida com o mesmo. A esse conceito denominado delegação, STIERLING (1997) define como sendo um “sentimento profundo de ser forçado a realizar um ato, chamado missão, para resolver um conflito vivenciado pelos pais, avós e antepassados” (in EIGUER, 1995, p. 120).

Assim, nos fica claro a presença de uma ausência ou, como diz FREUD, da sombra de um objeto morto sobre este menino, estabelecendo um lugar na constelação familiar. Após alguns anos de tratamento, ele chega na sessão e diz: “tu não vai acreditar, vai cair da cadeira, acredita que meu avô paterno morreu jovem e num acidente de carro também?”.

No texto “As Representações Transgeracionais e seus Efeitos na Transferência”, o autor refere: “Ao representar a palavra, a coisa, uma cena, a representação do objeto transgeracional é uma reconstrução fantasmática inconsciente de eventos às vezes traumáticos a qual todos os membros da família aderem”. (EIGUER, 1995, p. 117).

A perda do pai de J., objeto narcisicamente indispensável, proíbe essa comunicação. Ocorrendo, assim, uma não comunicação entre mãe e filho, onde no lugar da palavra eles passam a realizar rituais, com a finalidade de manter esse cadáver vivo. Um exemplo seria as visitas anuais ao túmulo.

“Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas serão engolidas, assim como ao mesmo tempo, o traumatismo, causa à perda. Engolidos e postos em conserva. O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta. Na fumaça, repousa, vivo, o correlato objeto da perda.” (TISSERON e Outros, 1997, p. 5).

Portanto, salientamos a importância de conhecermos as histórias de nossos antepassados, pois cada família tem uma representação mítica de uma família ideal, e essas têm um papel estruturador para as famílias ou podem levar a sérias dificuldades. Nessa, há um evento traumático nas duas gerações anteriores ao paciente mencionado.

Esse evento pode provir de qualquer ramo das famílias de origem - no caso, é da família paterna. O investimento libidinal referente ao antepassado absorve o funcionamento mental do sujeito, impedindo o trabalho de transformação em pensamento. São, na verdade, pensamentos que não podem ser pensados e retornam por intermédio do delírio ou de algum outro sintoma. (EIGUER, 1995).

J. chega para tratamento com um sintoma fóbico, típico desses casos, desenvolve uma dificuldade em pegar ônibus e ir à escola, além de desorganizar-se frente a qualquer mudança de sua rotina e uma intensa ansiedade de separação.

Todos os sintomas ligados a uma forte identificação com o morto, assim como o ônibus, a escola e o *skate* são a forma encontrada para aproximar-se do pai.

O estar em movimento significaria um movimento em direção à morte, que é a herança transgeracional, a qual ele se refere quando chega comentando que os homens da família paterna morrem em acidentes de carro.

No início do tratamento, J. tinha muita dificuldade de falar e era trazido sempre por um acompanhante, sua avó ou mãe. Descobrimos que J. gostava muito de desenhar e passamos a utilizar os desenhos como forma de comunicação entre nós.

Hoje, ele consegue no lugar do sintoma fóbico uma representação palavra, e pensar acerca desse mito na terapia. O início de tudo é a revivência de situações em que solicitava

o pai de uma forma delirante ou fantasmagórica. As sessões passaram a ser um lugar de encontro com o pai, porque através dos desenhos ele conseguiu falar e nomear suas dores.

Aprender a preencher com palavras o vazio do significado da morte do pai e das separações é o primeiro paradigma da introjeção. Porque a boca, não podendo articular certas palavras, enunciar certas frases – se tornará, em fantasia, o inominável, a própria coisa. Se a boca (psique) não pode se nutrir das palavras trocadas com outrem, ela vai se introduzir, fantasmaticamente, a pessoa ou parte dela, como a única depositária do que não tem nome (ABRAHAM e TOROK, 1995).

“O insuportável é saber que uma coisa possa existir, sem nome, sem termo que a compare, reduza ou classifique. Um terror, por exemplo, que, de tão antigo, quando foi vivido não havia sequer a linguagem para nomeá-lo” (BLAYA, 2004, p.15).

Nesse caso, foi um bebê que teve todo carinho, amor, amparo, cuidado, mas a vida quis que ele perdesse o pai, vivência que ele registrou, mas não compreendeu. O cuidado foi suficiente e deu sentido à palavra vida, mas depois se rompeu de forma precoce e inexplicável.

“São muitas dores humanas, e variadas. A ilusão de se estar diante de algo que conhecemos, como soubéssemos o que é conhecer” (BLAYA, 2004, p. 16).

Esses sentimentos levam-nos a pensar em OTTO RANK (1914) abordando o tema do duplo, referindo-se que o duplo tem ligações com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte.

Originalmente, o duplo era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte, como afirma RANK, que provavelmente a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo.

FREUD, em seu artigo sobre o estranho (1919), usa o termo em alemão “*UNHEIMLICHE*” que é o oposto de “*HEIMLICH*” que significa familiar. Naturalmente, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador. A relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho.

Dessa forma, o vazio dá lugar ao sintoma fóbico que consistia em medo de andar sozinho na rua, ir à escola nova e andar de ônibus. Outro aspecto de relevância é a exposição que acaba se colocando em função de andar de *skate* em ruas movimentadas e perigosas.

É possível que a mãe tenha percebido a intensa identificação do filho com o pai morto e com ela mesma enquanto enlutada. Houve, nesse momento, uma vivência de abandono e perda do amor dos pais, porque além da morte do pai houve a perda da mãe, pois ela passou a trabalhar fora, em turno integral, deixando o filho aos cuidados de sua mãe.

A mãe de J. não pode elaborar seu luto da forma esperada e, por consequência, se

instala em J. uma clivagem do Eu, que afeta não somente uma parte, mas seu psiquismo como um todo, por ficar na sombra do que restou do objeto.

Os acontecimentos que correspondem à geração precedente e que estão na origem dessa configuração psíquica, já que são indivisíveis para essa geração (a mãe não consegue falar com o filho sobre a morte do pai, levando-o a visitar o túmulo com frequência), para J. se transformou num acontecimento inominável que não passou pela via representacional, passando a ser atuado nas brincadeiras de *skate* em ruas perigosas, aproximando-se assim da história de seus antepassados.

Os filhos dos pais de traumatismos não elaborados podem desenvolver os mais variados sintomas como, por exemplo, temores imotivados, fobias, transtornos psicossomáticos e, principalmente, dificuldade de pensamento que toma o lugar de sintoma como dificuldade de ir à escola e fobias para andar de carro.

Para ABRAHAM e TOROK (1995), “o objeto incorporado, ao qual o Ego se identifica parcialmente, torna possível uma certa temporização enquanto espera reequilibrar a economia, redistribuir os investimentos” (p.220). Dessa forma, entendemos que não podemos enterrar o morto definitivamente - o enlutado o incorpora para si mesmo, até que possa se recuperar dos efeitos da ruptura.

A esperança e confiança delegados pelos pais, a impressão de que amarão o filho em qualquer circunstância e quaisquer que sejam seus estados de espírito, são dádivas dessa mensagem das origens, ausente enquanto imperar o vazio do irrepresentável objeto de um luto secreto (EIGUER, 1995, p. 125).

O paciente chega a tratamento com esse vazio do irrepresentável e a identificação feita através da incorporação do objeto, ou seja, do alimentar-se dele preenchendo o vazio.

Com a possibilidade de criação do espaço transicional, oferecido pelo *setting*, ele começou a fazer gradativamente a ressurreição do fantasma para um encontro decisivo em sua vida. Acreditamos que esse enfrentamento traz para o paciente a possibilidade de uma vida psíquica mais saudável, tanto para seu crescimento pessoal, como profissional.

Pelo desinvestimento da mãe e pela morte real do pai, e devido ao investimento do fantasma, sobra pouco investimento no filho, ou seja, não há libido disponível. Assim sendo, tanto o vazio relacional, quanto o investimento narcísico de exclusão, onde ele fica sem o direito de representar a si mesmo, não pode oferecer as identificações primárias necessárias.

“A criança se identifica pelo modo narcísico com o desinvestimento materno cujo resultado será o vazio. Buscará compulsivamente reagir com violência contra o vazio em si mesmo, mas golpeará o ar” (EIGUER, 1995, p. 125).

Nessas identificações narcisistas, através da incorporação do objeto, agride-se o eu

como se fosse um outro. Não menos frequente é a identificação projetiva: mecanismo violento e arbitrário, no sentido de tratar o objeto interno como externo e

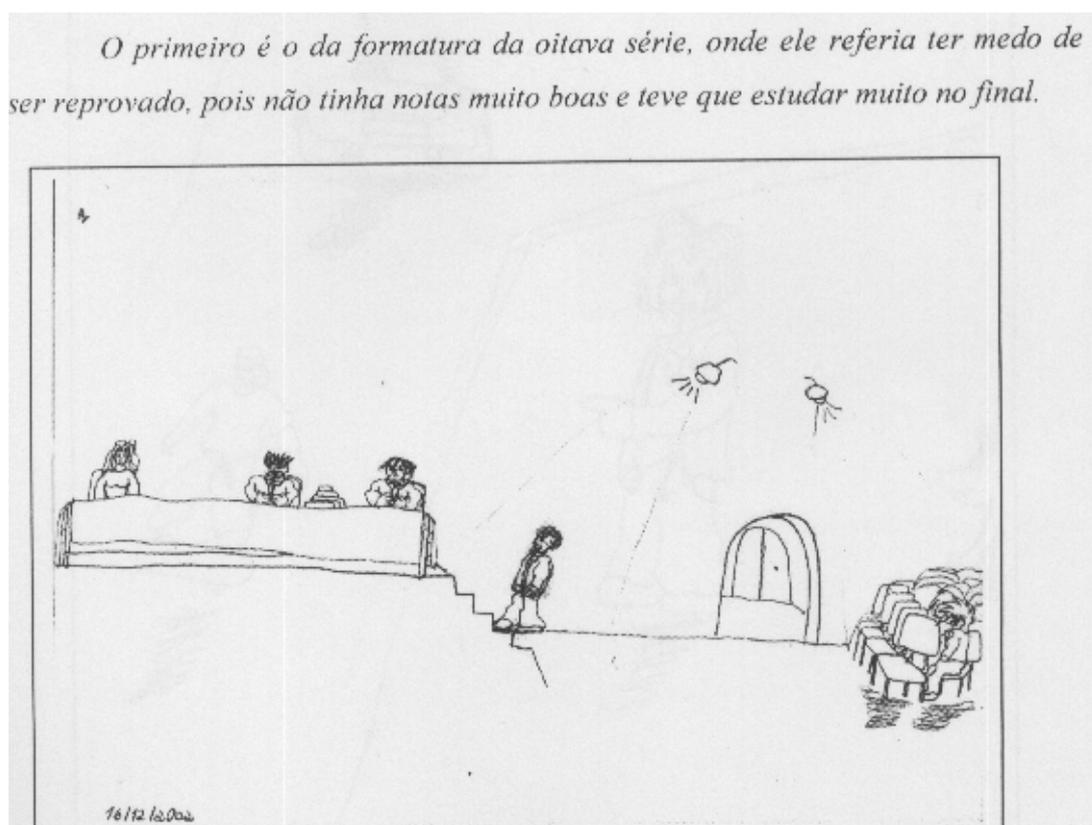
a realidade exterior como a interior.

J. identifica-se de uma forma incorporativa com seu pai super herói, reforçando o sentimento de onipotência frequente nos processos de adolescência normal e uma identificação com a mãe enlutada, assim como nos mostra o desenho que ele faz da família, em que não consegue desenhar o seu rosto e o da sua mãe.

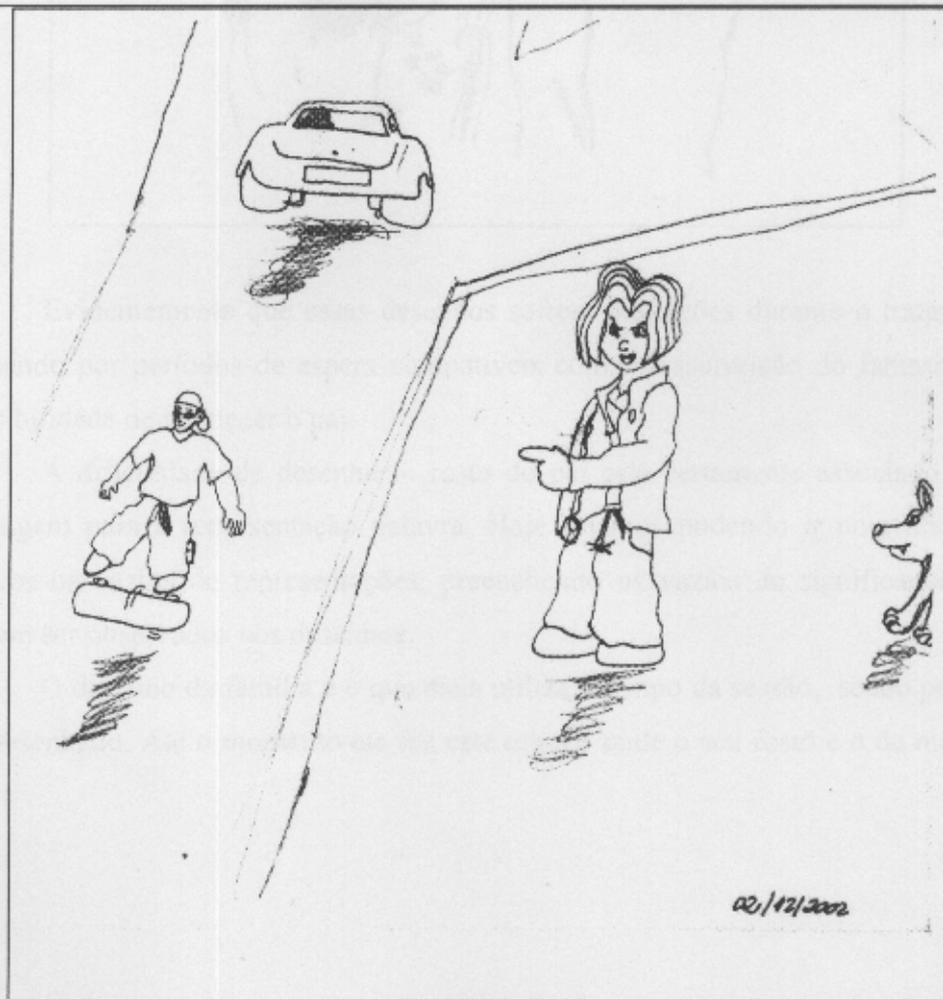
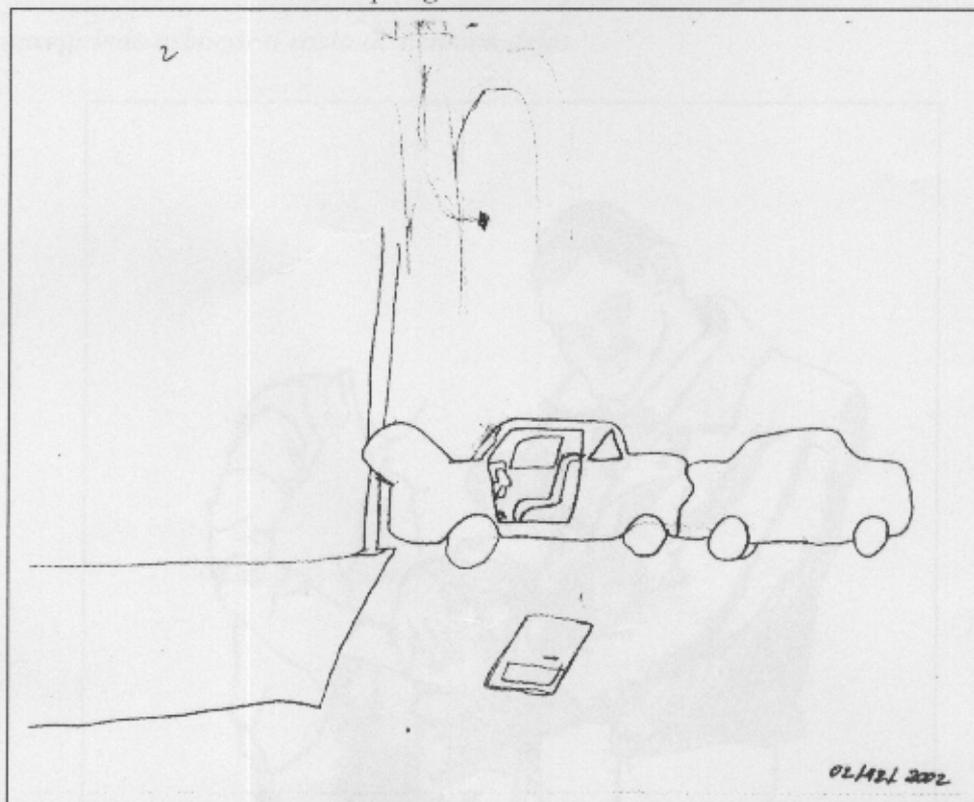
Como diz KANCYPER (1999), esse é o momento da balança entre a idealização e a desidealização dos adolescentes pelos seus pais. As consequências são o luto dos pais pelo filho pequeno e dos filhos pelos pais da infância. “A onipotência do adolescente vem como defesa dessa desidealização” (p. 49).

Quando J. entra no processo de adolescência, revive as primeiras relações de objeto e é o momento em que busca tratamento, onde é possível reviver através das transferências narcísicas e da possibilidade de estar presente e vivo, pois passa a ter um horário e lugar onde encontra a analista, facilitando os processos de transferências necessárias para o processo de introjeção.

Os desenhos, no início do tratamento, como já mencionei, foram a maneira como J. se comunicava melhor. Trago para ilustrar esse trabalho alguns desenhos, os quais retratam momentos diferentes vividos por J.



O segundo é o do acidente do pai, no mesmo dia que faz o terceiro, onde ele esta andando de Skate na rua perigosa e sua mãe vem chamá-lo.



*O quarto é um desenho da família que existia quando o pai estava vivo e ele trouxe um álbum com fotos suas e dos pais e começou a desenhá-los, não conseguindo esboçar o rosto de nenhum deles.*



Evidentemente que esses desenhos sofrem alterações durante o tratamento, passando por períodos de espera compatíveis com a ressurreição do fantasma e a possibilidade de conhecer o pai.

A dificuldade de desenhar o rosto do pai está certamente associada à não passagem para a representação palavra. Hoje estamos podendo nomear, aos poucos, os vazios de representações, preenchendo os vazios de significações que podem ser observados nos desenhos.

O desenho da família é o que mais utiliza o tempo da sessão, sendo pensado ou desenhado. Até o momento, ele fez esse esboço onde o seu rosto e o da mãe não puderam ser desenhados - a cópia de uma foto original dos três. Se pensarmos que os fantasmas não refletem no espelho, podemos aferir que fazer o rosto dele é difícil porque ele e a mãe estão identificados com o morto, portanto não podem ser representados.

Podemos pensar que através dos desenhos J. pode expressar algumas vivências, mas nem todas já estão no seu ponto de amadurecimento. Durante seu tratamento, revela os momentos

que sente mais falta do pai (sic); são eles:

“Quando eu estou fazendo manobras no *skate*, queria saber o que ele iria dizer”.

“Quando a minha mãe e o meu padrasto brigam comigo, queria saber que argumentos o meu pai usaria e o que ele faria”.

“Teve um dia que eu briguei com o meu padrasto e disse para ele que ele não era meu pai e ele me respondeu que meu pai era invenção minha e da minha mãe, queria o meu pai vivo para mostrar para ele”.

“Nas festas de Dia dos Pais, Natal, Dia das Crianças, nesses dias que os meus amigos esperam seus pais”.

“O meu irmão nunca vai entender o que eu sinto, ele tem pai eu é que não tenho”.

“Agora que eu estou fazendo esse desenho parece que eu tenho dia e hora para encontrar ele, é engraçado”.

Nesse momento, J. pode verbalizar o quanto o pai faz falta em sua vida. Antes, ele se colocava em risco com as manobras arriscadas do *skate* na rua; hoje, desenha e fala sobre suas dores sem precisar reavivá-las de forma real.

A terapia passou a fazer um processo de historização dos traumas que foram passados de geração em geração nessa família, dando uma chance de escolha para J.

KAËS e Outros falam de um impulso de transmitir, ou seja, são a conservação e continuidade da vida psíquica, ora as do Ideal de Ego e do Superego, mais precisamente a transmissão dos interditos fundamentais.

Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas por eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. (FREUD, 1913, p. 48).

Com a abertura de um espaço de fala, as sessões passam a ter um caráter decisivo em sua vida, tanto que qualquer possibilidade de separação era vivida com intensa angústia. No segundo ano de tratamento, nas férias da terapeuta, o paciente teve uma crise de ansiedade e precisou marcar uma sessão de urgência. Chegamos à conclusão de que um afastamento do pai, revivido nas férias da terapeuta, era sentido como a morte dele, precoce.

Juntos pensamos no curso de desenho, como um lugar de aprendizado e aprimoramento de um talento. Ele já está no curso há um ano; aprendeu a fazer diversos desenhos, como: objetos, casas, castelos, animais até chegar nos rostos, não foi só o traçado que ele aprendeu a utilizar, mas também as cores que não tinham em sua vida.

Há mais ou menos dois anos, ele trouxe para sua caixa individual um álbum de fotografias da família reunida. Agora, decidiu não retomar o desenho que confeccionava, e vai um novo, que será a fotografia do pai vivo.

KOHUT, em seu trabalho sobre as formas e transformações do narcisismo, propõe suas aquisições como resultado do processo de quebra do ideal de libertação e devem ser avaliadas não somente como transformações do narcisismo mas ainda como realizações do ego e como atitudes de empreendimento na personalidade. São elas: “a criatividade do homem, sua capacidade de empatia, sua capacidade de encarar sua própria transitoriedade, seu senso de humor e sua sabedoria” (1984, p. 21).

J. desenvolve sua criatividade nos desenhos e nomeia as palavras que não puderam ser ditas. Esse foi o meio que encontramos de nos comunicar, conhecer a história dos antepassados, nos aproximarmos do fantasma, ressuscitar uma mãe viva e constante e, sobretudo, possibilitar outras alternativas de escolha.

Para ROJAS (1991) o papel de analista familiar é a construção de uma história nova, em que o tempo se descongela e há um lugar de resignificações. Isso se produz através de um diálogo para nomear os sentimentos perdidos. Esse processo analítico implica na aceitação gradual, parcial e incompleta, pois nem todas as perguntas terão respostas. Haverá uma dimensão do irrecuperável.

“Reescritura do passado imaginário, oferece outros sentidos e uma nova eficácia” (ROJAS, p. 199).

Estamos em busca de novas experiências e aprendizados, através dos quais poderemos escrever, como agora, um futuro para essas vidas.

### **Considerações Finais**

Após conhecer a história dessa família, podemos entender certas tendências de risco que o paciente em estudo apresentava. Tivemos momentos de atenção constante, tanto por nossa parte - nas sessões - como contando com a ajuda da rede de apoio, a qual esteve sempre presente.

Há um destino traçado pelos outros, que se interpõe na vida de J. O encontro com eles é inevitável, conhecer seus gostos, pensamentos e depois é conhecer a si mesmo, através do espelho.

Estiveram presentes conosco sempre papéis e lápis para desenharmos, as fotos para recordarmos, a caixa individual para armazenar, a palavra e os sentimentos para ocuparem seu lugar de direito. Além, é claro, dos fantasmas que, com sua sombra, tentaram nos enganar -

pois sombra lembra um lugar tranquilo e prazeroso - mas, nesse caso, mostra-se como destino por vezes fatal.

Entretanto, o tratamento propõe um lugar para pensar, falar, chorar as lágrimas choradas por ele enquanto bebê - mas não compreendidas - e buscar outras saídas.

Terminamos com a certeza de que a morte é nosso destino irrevogável, mas podemos retardá-la se fizermos a nossa parte, com o intuito de tornar os dias mais coloridos e felizes, sem, é claro, ignorar as dores e perdas. Mas, que prevaleça a vida, sempre que possível.

### Referências Bibliográficas

ABRHAM, Nicolas e TOROK, Maria. **A Casca e o Núcleo**. Pequenas Anotações sobre o Fantasma. São Paulo: Escuta, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Casca e o Núcleo**. Doença do Luto e Fantasia do Cadáver Saboroso. São Paulo: Escuta, 1995.

BERENSTEIN, G.K de Bianchini; RC GASPARI; GOMEL, Silvia; J. GUTMAN, S. MATUS e MC ROJAS. **Família e Inconsciente**. Fundamentos de La Clínica Familiar Psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1991.

BLAYA, José. **Os Nomes da Nossa Dor**. Porto Alegre: Movimento, 2004.

CONTE, Bárbara. **Diálogos**. Rio de Janeiro: CFP, 2004.

EIGUER, Alberto. **O Parentesco Fantasmático. Transferência e Contratransferência em Terapia Familiar Psicanalítica**. As Representações Transgeracionais. Seus Efeitos na Transferência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

FAIMBERG, Haydee; ENRIQUEZ, Micheline; BARANES, Jean Jose e KAES, Rene. **Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FAIMBERG, Selma; ADELSON, Edna e SHAPIRO, Vivian. **Fantasmas no Quarto de Bebê**. Porto Alegre: CEAPIA, 1994.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Totem e Tabu (1913). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIII (1913-1914).

\_\_\_\_\_. **A História do Desenvolvimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos**. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVI (1914-1915).

\_\_\_\_\_. **A História do Desenvolvimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos**. Luto e Melancolia (1917 [1915]). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVI (1914-1915).

\_\_\_\_\_. **Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos**. O Estranho (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII (1917-1919).

GREEN, André. **Sobre a Loucura Pessoal**. A Mãe Mortal (1983). Rio de Janeiro: Imago, 1988.

KAËS, René; FAIMBERG, Haydée; ENRIQUEZ, Micheline e BARANES, Jean. **Transmissão e Vida Psíquica entre Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KANCYPER, Luis. **Confronto de Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KLEIN, Melaine. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Sobre a Identificação (1955). Rio de Janeiro: Imago, 1985.

KOHUT, Heinz. **Self e Narcisismo**. Formas e Transformações do Narcisismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

NERUDA, Plablo. **Um Presente de um Poeta** (Trad. Thiago de Mello). São Paulo: Vergara e Riba, 2001.

TISSERON, S. e Outros. **El Psiquismo Ante La Prueba de La Geraciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.